

LOUROS NACIONAIS PARA A LITERATURA FEITA EM SANTA CATARINA

Dois autores e duas autoras catarinenses estão entre os finalistas do Prêmio Jabuti, na lista dos indicados divulgada na quarta-feira (1/9) pela Câmara Brasileira do Livro

Ganhar o Jabuti, o mais importante prêmio nacional na área literária, é uma consagração para pouquíssimos escritores. Mas participar da condecoração como finalista já equivale a uma indicação para o Oscar da literatura brasileira. A literatura feita em Santa Catarina ganha visibilidade inédita no 52º Prêmio Jabuti, com a seleção de quatro autores entre os 10 finalistas da edição de 2010 para duas categorias diferentes: poesia e ensaio/teoria literária. Na lista dos contemplados, divulgada na tarde de quarta-feira (1/9), pela Câmara Brasileira do Livro, figuram obras dos autores Eduardo Capela e Sérgio Medeiros, e das autoras Dirce Waltrick do Amarante e Leonor Scliar Cabral.

Todos os autores são ligados ao Centro de Comunicação e Expressão e aos Cursos de Pós-Graduação em Literatura e Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Na categoria poesia, concorrem como finalistas o diretor da Editora da UFSC e professor de Literatura, Sérgio Medeiros, com a obra *O Sexo Vegetal*, publicada pela Iluminuras, e Leonor Scliar Cabral, professora aposentada de Linguística, com *Sagração do alfabeto*, da Scortecci Editora.

Uma surpresa incomum na história literária: o Jabuti de 2010 premiou um casal, selecionando *Para Ler Finnegans Wake*, também da Iluminuras, de Dirce Waltrick do Amarante, esposa de Medeiros, entre os 10 melhores na categoria teoria e crítica literária do país. Dirce é tradutora de James Joyce para a língua portuguesa e pós-doutora em Literatura. Na mesma categoria concorre o professor de Literatura Carlos Eduardo Capella, com *Juó Bananére: Irrisor, irrisório*, da Editora da Universidade de São Paulo e Nankin Editorial.

Os quatro escritores radicados em Santa Catarina concorrem ao lado de autores brasileiros de ficção e ensaio reconhecidos, como Bernardo Carvalho, Benedito Nunes, Luís Fernando Veríssimo, Milton Hatoum, Ruy Guerra, Luiz Costa Lima, Moacir Scliar, Beatriz Bracher, Davi Arrgucci, Eric Nepomuceno, Bernardo Azgemberg, João Gilberto Noll e Aduardo Novaes, que tiveram obras publicadas em 2009. No dia 1º de outubro, a CBL divulga o nome dos três melhores livros de cada uma das 21 categorias, que são: Tradução; Arquitetura e Urbanismo; Fotografia; Comunicação e Artes; Teoria/Crítica Literária; Projeto Gráfico; Ilustração de Livro; Infantil ou Juvenil, Ciências Exatas, Tecnologia e Informática; Educação; Psicologia e Psicanálise; Reportagem; Didático e Paradidático; Economia, Administração e Negócios; Direito Biografia; Capa; Poesia; Ciências Humanas; Ciências Naturais e Ciências da Saúde; Contos e Crônicas; Infantil; Juvenil; Romance e Tradução de Obra Literária Espanhol-Português. O primeiro lugar em cada categoria receberá, além do troféu devido ao segundo e terceiro lugar, um prêmio no valor de R\$ 3.000,00.

E no dia 4 de novembro serão finalmente conhecidos os nomes dos autores vencedores do Prêmio Livro do Ano, quando as demais categorias serão reagrupadas na classificação geral de Ficção e Não Ficção. Não concorrem a essa distinção as categorias Tradução, Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil, Capa, Projeto Gráfico e Tradução de Obra Literária Francês-Português. Os contemplados com os Prêmios Livro

do Ano receberão, cada um, o valor de R\$ 30.000,00. Criado em 1958, o Jabuti é o mais concorrido prêmio do livro no Brasil e o de maior abrangência. Seu grande diferencial é que não valoriza apenas os escritores, mas destaca a qualidade do trabalho de todas as áreas envolvidas na criação e produção de um livro. A edição deste ano bateu recorde de interesse, com mais de duas mil inscrições.

O casal de finalistas

Natural do Mato Grosso do Sul e radicado em Santa Catarina há 10 anos, Medeiros foi Finalista do Jabuti também em 2008, com *Popol Vuh*, obra de tradução, e concorreu à última edição do Prêmio Portugal Telecom de Literatura com *O sexo vegetal*. Traduzido para o inglês, o livro será publicado em janeiro pela Universidade de Orleans. Nele, a prosa poética do autor explora a descrição de paisagens, onde insere seres humanos que se sentem tocados e, às vezes, também invadidos pelos vegetais. O homem e a mulher são deslocados para a periferia do mundo natural, que assume a centralidade habitualmente outorgada aos seres racionais. O autor adota uma escrita sucinta e veloz, propondo ao leitor uma sucessão vertiginosa de imagens brasileiras, que vão do litoral passando ainda pelo cerrado e pelos ambientes urbanos, até a floresta amazônica. Em todas as paisagens, o vegetal rouba a cena, literalmente, revelando a influência da noção de apelo sexual do inorgânico, do filósofo Mário Perniola, e dos conceitos de pós-humano e inumano de François Lyotard.

Graduada em Direito, mestre e doutora em Literatura pela UFSC, tradutora especializada em James Joyce, Dirce também já tem várias obras publicadas. Em *Para Ler Finnegans Wake de James Joyce*, Dirce se preocupa em trazer possibilidades de interpretação e em desvendar o novo conceito de leitura inventado pelo autor irlandês para que o leitor possa aproveitar sua última e grandiosa obra, considerada por muitos como um texto ilegível. "*Finnegans Wake* é uma longa aventura onírica, que explora à exaustão as ambiguidades das imagens e da linguagem literárias", defende a ensaísta. O estudo de Dirce explica, de maneira didática e acessível, as estratégias narrativas de Joyce com as quais reiventou o romance moderno. Essa análise do romance vem acompanhada, ainda, de uma tradução inédita para o português do capítulo oitavo do romance, "Ana Lívia Plurabelle", que Joyce queria transformar em filme e peça teatral. A tradução está arquivada pela Fundação James Joyce de Zurique e pelo Centro de Estudos de James Joyce, em Dublin.

Sobre a distinção entre os finalistas, Dirce salienta a sensação de reconhecimento por um verdadeiro trabalho de garimpo, leitura, inventário bibliográfico e tradução que já dura mais de uma década. "Parece um momento de glória tão rápido, mas por trás de cada livro há muitos anos de pesquisa para poder entregar o melhor material ao leitor". Para Medeiros, o Jabuti proporciona um reconhecimento geral ao livro, que do contrário acaba sendo mais pontual, da parte de um ou outro crítico e leitor. "Espero que essas indicações abram portas para publicarmos outros livros mais facilmente dentro e fora do país", diz ele. Seu próximo livro de poesia, "Figurantes", uma descrição alucinatória da Ilha de Santa Catarina, sairá em outubro também pela Iluminuras. Os figurantes são turistas inumanos que invadem a Ilha, quando está abandonada às moscas.

Raquel Wandelli (jornalista na SeCarte/UFSC)

99110524 e 37219459

raquelwandelli@yahoo.com.br

Fragmentos das obras:

O Sexo vegetal, de Sérgio Medeiros

(Poema) Espuma...

O escritor Henri Michaux disse que pôs sobre a sua mesa uma maçã. Então ele entrou na maçã.

Quelle tranquillité!

Invadiu a maçã com o seu *corpanzil* ou foi a maçã que o “devorou”?

Areia movediça? Espuma ou esponja onde se afunda e flutua? Onde se fica também cristalizado?

É paz. Ou horror. O próprio Michaux inicialmente ficou congelado dentro da maçã: *Quand j’arrivai dans la pomme, j’étais glacé*. Em inglês isso seria: *When I arrived inside the apple, I was frozen*.

(Como será essa experiência em outras circunstâncias? Numa feira livre entra-se numa maçã que alguém amável ou odioso comprará. Ou que muitas mãos anônimas tocarão nesse mesmo dia. A maçã toma sol e se revela terrivelmente efervescente.)

James Joyce menciona o suave aroma que escapava de uma escrivantina aberta: o cheiro de uma maçã muito madura ali esquecida. Ou de um vidro de goma arábica. Ou de lápis de cedro novos.

Décor

-- as folhas mortas e submersas se aproximam mais do ralo do que as bolhas que se aglomeram na água da chuva

(Poema 2) Um peixe-folha...

A folha estava no galho. O galho na árvore. A árvore no quintal. O quintal numa praia. O vento às vezes era forte.

Foi então que a folha decidiu ser peixe e foi embora voando no vento.

Pousou nas pedras. O mar estava perto. Havia voado para trás ou para a frente?

Veio da praia uma rajada fria e a folha correu loucamente nas pedras do terraço. Estava num terraço? Rolou de cá para lá como carapaça vazia de um tatu. Um tatu-folha.

Quando o vento parava a folha parava: angustiava-se. Faltava-lhe ar.

Entusiasmos súbitos a faziam correr de um lado para o outro... Mas a folha sentia nitidamente que não levantaria vôo. Sentia que era uma casca seca. Casca dura. Curva. Transformara-se num tatu-folha.

Pensou: como tatu-folha poderei correr por aí. Sempre rente ao chão. Então serei um caranguejo. Correrei mais. Alcançarei o mar.

Serei gelatinosa. Tatu transparente. Correrei para o fundo do mar. Depois nadarei entre os peixes. No meu cardume.

A população de tatus aumentava no terraço. As folhas secas batiam umas nas outras a cada lufada de vento marinho.

A folia era tanta...

Porém nunca se viu ou pescou um peixe-folha. Talvez.

Mas folhas grandes e pequenas bóiam no mar.

Décor

-- em meio a folhas coloridas, uma palma seca bóia na piscina depois da chuva, como um guarda-chuva fechado, soltando fios

Para ler Finnegans Wake, de Dirce Waltrick do Amarante

QUESTÕES DE LEITURA

Falou-se em “dialeto” joyciano. Isso implica uma questão básica: é possível ler e fruir Finnegans Wake, quando sabemos que este explora dimensões novas da linguagem literária, sem se furtrar a jogos que “obscurecem” o sentido?

Sobre a leitura do romance, Seamus Deane afirma: “a primeira coisa a se dizer sobre *Finnegans Wake* é que ele é, em grande parte, ilegível.”[1] No entanto, o mesmo crítico admite a possibilidade de se fazer uma leitura do livro, desde que o leitor “renuncie” à boa parte das convenções estabelecidas sobre leitura e linguagem. A leitura deve ser uma aventura.

Michel Butor, por exemplo, declarou nunca haver lido *Finnegans Wake* no sentido que damos à palavra ler, uma vez que jamais foi capaz de percorrer o romance a partir da primeira até a última linha, sem pular uma palavra, uma frase e, às vezes, páginas inteiras.

Partindo da sua experiência de leitura, o crítico e romancista francês esclarece o que entende pelo adjetivo “ilegível”, empregado por muitos estudiosos para qualificar o romance: “a última obra de Joyce, proibindo-nos de ter a seu respeito a ilusão de uma leitura integral (e é isso que se quer dizer quando se declara que ele (sic) é ilegível), desmascara essa ilusão naquilo que concerne às outras, que nunca conseguimos ler tão integralmente quanto imaginamos, saltando muitas vezes páginas inteiras, relaxando nossa atenção, pulando linhas, esquecendo letras, tomando uma palavra por outra e adivinhando o sentido daquelas que não conhecíamos, sem nos dar o trabalho, no mais das vezes, de verificá-los.”[2]

Ao ler este romance obscuro, o leitor é convidado a agir por conta própria, criando uma leitura particular, sonhando o sonho de Joyce segundo sua própria experiência, de modo que se pode considerar que se trata mais de uma “performance” do que de uma leitura no sentido comum do termo – esta, via de regra, supõe um agente passivo, que absorve uma mensagem que lhe é dada pronta. Não é este o caso de *Finnegans Wake*.

Um exemplo de leitura performática seria exatamente a de Butor: ele leu o romance “abrindo o texto aqui e ali, ao acaso, parando quando algumas palavras, algumas frases, alguma história ou algum sonho se delineava” para ele, ou atraía-o [3], sem se preocupar em obter uma apreensão total ou linear do livro.

O músico e poeta norte-americano John Cage, da mesma forma que o ensaísta e romancista francês, também fez uma leitura bastante idiossincrática do livro, abrindo as páginas do romance ao acaso e “absorvendo” apenas certas palavras que lhe pareciam interessantes.[4] Tendo freqüentado o livro dessa maneira, compôs então *Writing for the Second Time Through Finnegans Wake*, que é uma releitura resumida de *Finnegans Wake*, na forma de mesósticos sobre o nome de James Joyce e sem respeitar a sintaxe padrão do inglês, usada no livro de Joyce. Para Cage, a sintaxe convencional estava associada (sob inspiração de Henri Thoreau) a uma tropa de exército marchando.[5] Em 1979, John Cage realizou “Roaratorio”, uma composição construída a partir de vozes humanas, sons naturais, sons do ambiente, ruídos, canto e música. Entre esses ruídos, Cage incluiu a leitura de sua versão de *Finnegans Wake*. [6]

No contexto cultural brasileiro, Haroldo de Campos, ao falar da leitura do romance, opinou:

Uma obra com as características do *Finnegans Wake* requer uma operação de leitura muito diversa daquela a que estamos acostumados. Escrevemos em 1956 (“A Obra Aberta”, *Diário de São Paulo*, 3 de julho) que *Finnegans* retinha a propriedade do círculo, da equidistância de todos os pontos em relação ao centro: a obra é porosa à leitura por qualquer das partes através das quais se procure assediá-la. Assim, *Finnegans* há de ser uma leitura topológica, em progresso, que não termina nunca, que se está fazendo sempre e que está sempre por fazer, tais os meandros do texto, as dificuldades que o inçam, as multifacetadas desse maravilhoso caleidoscópio. [7]

Tratando do mesmo assunto, Donaldo Schüler entende que, “como na sinfonia, os primeiros acordes anunciam o desenvolvimento futuro. Acompanhemos algumas das repercussões. Só algumas. Se déssemos atenção a todas, não sairíamos do primeiro parágrafo.” [8]

A leitura do último romance de Joyce também exige do leitor outro sentido além do da visão. Como mencionado, o escritor aconselhava uma leitura em voz alta caso o leitor encontrasse alguma dificuldade de compreensão. Assim, reforça-se a idéia do livro como uma performance, pois este exige de quem o lê o emprego de outros sentidos além daquele a que estava habituado.

Se por um lado Joyce desejava dar liberdade ao leitor - o escritor pretendia publicar o romance sem especificar número de páginas (a numeração foi acrescentada posteriormente, pela editora Faber), a fim de permitir que este pudesse ler o livro a partir de qualquer parte -, por outro lado ele introduziu na obra “certas chaves”, que indicam talvez a intenção de que o livro também fosse lido num determinado sentido. O “sentido” de *Finnegans Wake* tem, entretanto, “a riqueza do cosmo”, cabendo ao leitor se colocar no centro de uma rede de relações inexauríveis e escolher, ele próprio, “seus graus de aproximação, seus pontos de encontro, sua escala de referências.”[9]

Pode-se afirmar que James Joyce, ao criar uma linguagem nova, criou também um novo tipo de leitor. Um leitor que necessita estar familiarizado com diferentes línguas e culturas para absorver uma gama enorme de fatos históricos e culturais e para conseguir administrar a riqueza verbal do livro. Para os leitores de língua inglesa, a identificação dos provérbios, das canções, das fábulas infantis e de outros similares usados pelo escritor ajudam a recompor o sentido do livro. No entanto, não raramente, esses mesmos leitores poderão se sentir “desamparados”, se não conhecerem as outras línguas ou culturas referidas no livro. Nesse aspecto, o leitor estrangeiro talvez tenha certa vantagem sobre o leitor nativo. Assim, talvez seja possível concluir que, para compreender melhor o romance, uma leitura coletiva seria a ideal: cada leitor encontrará diferentes significados no texto, conforme sua nacionalidade ou domínio de outros idiomas, ou conhecimento de outras culturas. Aliás, já se afirmou que, “paradoxalmente, *Finnegans Wake* é o mais proibitivamente xenófobo de todos os livros e ao mesmo tempo estende boas-vindas ecumênicas a todos os estrangeiros, encontrando-os em seu território e muito especificamente nele.”[10]

Além de conhecimento, paciência e uma boa dose de “insônia” (para usar uma palavra mencionada no *Finnegans Wake*: “that ideal reader suffering from na ideal insomnia” [FW120]), o leitor “desperto” do sonho de Joyce necessita de “uma preparação prévia e ainda uma vocação e caráter determinados”[11]. Mas, ainda assim, muitos leitores que reúnem todas essas qualidades, e mesmo depois de anos de dedicação à leitura do romance, sentem-se frustrados por não poderem decifrá-lo: Clive Hart, um dos mais conhecidos estudiosos da última obra de Joyce, por exemplo, confessou não saber ainda do que trata o romance, mesmo depois de vinte anos de estudo e dedicação exclusiva a ele.[12]

A leitura de *Finnegans Wake* é, na realidade, como afirmou Haroldo de Campos, uma leitura “em progresso, que não termina nunca” [13], tantas são as dificuldades e pluralidades de significado do texto. Mas “quem se confia a jogos sonoros, ao ludismo de imagens e idéias, pode ler Joyce com prazer”[14], como afirma Donaldo Schüler. Muitos críticos acreditam que, por essa razão, nenhum outro trabalho literário precisaria tanto de um “guia” quanto *Finnegans Wake*, com sua língua estranha, seus neologismos, suas ambigüidades e alusões obscuras.[15]

De certa forma, Joyce já oferece no próprio romance um “guia” de leitura através de conselhos inseridos aqui e ali. Mas tais conselhos encontram-se muitas vezes dispersos

no meio da linguagem “pouco clara” do livro. Outras vezes aparecem de forma implícita, ajudando muito pouco o leitor. Na página 108, tem-se o seguinte conselho, aliás bastante pragmático:

“Now, patience; and remeber patience is the great thing ...” (“Agora paciência; e lembre-se paciência é a melhor coisa.”)

E na página 453, o conselho é este:

“So now, I’ll ask you, let ye create no scenes in my poor primmmafore’s wake.” (“Então, agora, eu pedirei a vocês, não criem nenhum espetáculo no meu pobre préprimeiro despertar.”)

Ou seja, Joyce pede que o leitor não faça nenhum pré-julgamento do livro antes de começar a folheá-lo.

Atualmente, além dos próprios conselhos de Joyce inseridos no romance, tanto o leitor comum quanto o pesquisador têm ao seu alcance um volume considerável de “guias” de leitura de *Finnegans Wake*. Por vezes, o principiante, desencorajado e desalentado já nas primeiras páginas do romance, busca refúgio numa leitura substituta de algum manual “milagroso” que possa guiá-lo pelas páginas quase impenetráveis do livro, esperando ingenuamente encontrar, aí, a solução definitiva do seu mistério.